

Sofia Aboim

Conjugalidades em Mudança

ICS

Sofia Aboim

**Conjugalidades
em Mudança**
**Percursos e Dinâmicas
da Vida a Dois**

ICS Imprensa
de Ciências
Sociais

Imprensa de Ciências Sociais



Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Av. Professor Aníbal de Bettencourt, 9
1600-189 Lisboa - Portugal
Telef. 21 780 4700 – Fax 21 794 0274

www.ics.ul.pt/imprensa
imprensa@ics.ul.pt

Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação
Aboim, Sofia, 1972 –

Conjugalidades em mudança : percursos e dinâmicas
da vida a dois / Sofia Aboim. – Lisboa :

ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2006. – (Fora de colecção)

ISBN 972-671-170-3

CDU 316.3



Composição e Paginação: Instituto de Ciências Sociais / André Pereira

Revisão: José Soares de Almeida

Capa: João Segurado

Impressão e acabamento: Tipografia Guerra – Viseu

Depósito legal: 238 737/06

1.ª edição: Abril de 2006

Índice

Nota prévia	13
Introdução	17
Capítulo 1	
Família, indivíduo e mudança social	27
Uma vida familiar em mudança: perspectivas e conceitos	27
Família e individualização	32
Amor, igualdade de género e (re)produção familiar: «eixos de individualização» na família	42
Breves anotações sobre família e mudança na sociologia portuguesa	56
Capítulo 2	
Família e modernização em Portugal: alguns indicadores macrossociais	63
Apresentação	63
Uma vida familiar em transformação nos anos 90	66
Casamento e coabitação: principais características e evolução, 1991-2001	74
Dez anos de mudança nas dinâmicas familiares: variações regionais	83
Notas finais	88
Capítulo 3	
Percursos da conjugalidade: formas de entrada, encadeamentos e significados	91
Introdução	91
Os percursos de formalização da conjugalidade e os seus encadeamentos	97
Os contextos sociais da conjugalidade	111
Perfis de coabitação em Portugal: encadeamentos, contextos, orientações	123
Significados sociais da coabitação: interpretações na primeira pessoa	133
Conclusões	155

Capítulo 4

As trajectórias afectivas da conjugalidade	167
Introdução	167
Finalidades e sentimentos na conjugalidade: os resultados do <i>Inquérito às Famílias no Portugal Contemporâneo</i>	171
Os afectos na vida conjugal: trajectos e orientações amorosas	180
Da pluralidade de semânticas amorosas na conjugalidade	210

Capítulo 5

Conjugalidades em Portugal: interacções, valores, contextos	215
Introdução	215
Classificar as famílias: dimensões de análise e indicadores	220
As interacções: coesão e integração	224
Uma tipologia das interacções no casal	228
Tipos de conjugalidade em Lisboa	234
Orientações normativas e interacções: cumplicidades	239
Os contextos e os tempos sociais das interacções	245
Conclusões	266

Capítulo 6

Dinâmicas da coesão conjugal: uma perspectiva qualitativa	277
Introdução	277
Três lógicas fusionais: a aliança de género, a sociedade de ajuda mútua, o companheirismo apaixonado	280
Dinâmicas associativas: vários estilos, várias orientações	306
Dinâmicas de tipo paralelo e pontos de união conjugal: dois exemplos	322
Notas finais: sobre a fusão e a autonomia na conjugalidade	335

Conclusões	343
As dinâmicas da conjugalidade	344
A diversidade social da conjugalidade	358
Conjugalidades em mudança	366

Bibliografia	375
---------------------------	-----

Nota prévia

O trabalho de investigação que agora se apresenta é resultado de vários anos de pesquisa realizada no âmbito do doutoramento em Sociologia da Família e da Vida Quotidiana do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), com o apoio de uma bolsa de doutoramento do programa Praxis XXI da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. A dissertação de doutoramento, aprovada em Julho de 2004, foi necessariamente objecto de algumas modificações, a fim de tornar a sua estrutura argumentativa mais escorreita e de mais agradável leitura. Suprimiram-se alguns capítulos teóricos e metodológicos, sempre imprescindíveis a um exercício académico, mas dispensáveis quando se trata, sobretudo, de partilhar com o leitor os principais resultados e conclusões de um trabalho que pretende retratar a diversidade de uma vida conjugal em mudança na sociedade portuguesa contemporânea.

Produto final de uma pesquisa que começou em 1997 no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, este livro tem, como geralmente sucede, a sua própria história. Nela reside a explicação para muitas das interrogações, das hipóteses e das opções metodológicas que o construíram. Com efeito, desde essa data comecei a trabalhar no âmbito de um projecto de investigação mais vasto sobre o quotidiano das famílias portuguesas — o projecto «Famílias no Portugal Contemporâneo», coordenado pela Prof.^a Doutora Karin Wall, também a orientadora da investigação de doutoramento —, tendo aí dedicado esforços ao desenvolvimento do estudo das dinâmicas de interacção conjugal, do ponto de vista de uma análise extensiva da conjugalidade e da família. O instrumento privilegiado de observação foi, nessa pesquisa, um *inquérito por ques-*

tionário aplicado a mulheres a viverem em casal, entre os 25 e os 49 anos e com pelo menos um filho co-residente entre os 6 e os 16 anos. Tratava-se, assim, de uma abordagem centrada num tipo específico de organização familiar, vivido e falado no feminino; excluía-se o lado masculino da vida conjugal, bem como casais situados noutras fases do percurso familiar (sem filhos, por exemplo). O tratamento quantitativo destes dados colocava-me, entretanto, perante a possibilidade de obter uma visão extensiva, estatisticamente representativa, das dinâmicas internas produzidas entre os casais de Portugal continental e da Área Metropolitana de Lisboa — duas amostras representativas do estudo¹.

O contacto com a extensa informação empírica colocada ao meu dispor suscitou a formulação de objectivos e hipóteses de trabalho que, desde aí, tenho vindo a desenvolver, em etapas sucessivas de pesquisa. Numa primeira abordagem dos dados propus-me investigar a relação entre práticas de coesão conjugal e redes sociais, seguindo uma inspiração que me foi dada pela leitura do trabalho que E. Bott (1976 [1957]) tinha realizado na década de 50, juntando dois temas normalmente apartados na sociologia da família: as dinâmicas internas da conjugalidade e as relações sociais com o parentesco². Tendo concluído pela confirmação da hipótese colocada, importava então alargar horizontes de pesquisa, formulando novas indagações. O presente trabalho, com enfoque na mudança, na diversidade, nas relações entre o indivíduo e o grupo (casal/família), é, no fim de contas, o resultado desse processo paulatino que sempre é a investigação, à descoberta de novas faces do mesmo tema. Continuei assim a aproveitar a riqueza empírica da informação contida no *Inquérito às Famílias no Portugal Contemporâneo*, explorando mais a fundo os seus dados, alguns dos quais estão integrados neste livro.

No entanto, numa segunda fase da investigação optei por realizar entrevistas em profundidade a um conjunto de mulheres igualmente a viverem em conjugalidade com filhos em idade escolar, o que permitiu complementar e aprofundar a análise extensiva, bem como introduzir novas questões sobre as dinâmicas da conjugalidade, como se verá ao longo dos vários capítulos do livro. A gestão conjugal dos territórios individuais e colectivos, a construção do sentimento amoroso, da intimi-

¹ Os principais resultados deste projecto de investigação estão, no que respeita à amostra representativa de Portugal continental, publicados em Wall (coord.) (2005).

² Deste trabalho resultou uma tese de mestrado intitulada *Coesão Conjugal e Contextos Sociais*, realizada no Instituto de Ciências Sociais em Dezembro de 2000 (Aboim, 2000).

dade afectivo-sexual e da comunicação conjugal ao longo do tempo, ou ainda questões sobre o poder de decisão e a gestão dos desacordos e dos conflitos entre o casal, constituíram alguns dos tópicos que, considerados relevantes de um ponto de vista teórico, foram incluídos no questionamento realizado às mulheres.

Resta dizer que este percurso de investigação, brevemente resumido, não se fez sem contar com vários apoios, todos eles importantes.

O primeiro apoio foi-me dado pela oportunidade de fazer parte da equipa de investigadores coordenada por Karin Wall desde 1997. O projecto «Famílias no Portugal Contemporâneo» foi, para mim, um grande contexto de aprendizagem e de troca de saberes e experiências, mas também de amadurecimento e quotidiano. Ao longo de todos estes anos, o Instituto de Ciências Sociais foi também uma peça muito importante, por me ter permitido desfrutar de muito boas condições de trabalho. À Fundação para a Ciência e a Tecnologia devo, por outro lado, o apoio financeiro concedido ao longo de dez anos. De entre os apoios institucionais, um agradecimento deve ser feito ainda à Imprensa de Ciências Sociais, nomeadamente na pessoa do seu director, Pedro Lains, pelo acolhimento dado à minha proposta de transformação da tese em livro.

Muitas foram as pessoas de quem recebi sugestões, conselhos, incentivos.

Um agradecimento especial é devido à Karin, orientadora deste trabalho, pelo muito que me ensinou ao longo de já alguns anos de convivência. Mais do que a disponibilidade permanente, o rigor, o incentivo, a compreensão e a amizade com que me acompanhou, passo a passo, o doutoramento, devo-lhe uma grande parcela da minha formação na investigação. A inteligência e o bom senso sociológico das suas sugestões e críticas foram sempre uma ajuda decisiva para tornar claro o que antes parecia obscuro e difícil.

O trabalho feito por quem, antes de nós, investigou as mesmas problemáticas, ao invés de lesar eventuais expectativas de originalidade, constituiu uma preciosa fonte de inspiração. A obra de Jean Kellerhals, bem como os conselhos que me deu de viva voz, foram um suporte essencial. Na pesquisa de Anália Torres sobre o casamento em Portugal encontrei também muitas pistas para interpretar o quebra-cabeças do mundo social e as suas mudanças, sempre antecipadas.

Ao Marcus Lima, que teve a capacidade de tornar compreensível e estimulante a linguagem hermética da estatística. À sua ajuda preciosa devo os progressos que fui conseguindo fazer no tratamento de dados. Agradeço também a Eric Widmer, que me ensinou alguns procedimentos

fundamentais para a construção estatística de tipologias, sem os quais a análise teria certamente ficado mais pobre. As sugestões e os comentários críticos feitos à abordagem das interações conjugais foram, sem dúvida, de uma grande ajuda.

Ainda a propósito da pesquisa, gostaria de agradecer a todos os que me ajudaram no trabalho de realização de entrevistas, disponibilizando tempo e interconhecimentos, especialmente às próprias entrevistadas e a Ana Marques Santos, que marcou e transcreveu muitas das entrevistas.

Aos meus amigos e colegas no ICS, pelas conversas, pelas trocas de ansiedades e também pelo humor e boa disposição. Aos que, como a Vanessa, partilharam o início do trabalho no projecto FPC, mas também à Lia, ao Vítor, à Sofia, à Susana... Sem eles o quotidiano de trabalho não seria também feito de momentos de lazer, daquelas pausas que sempre fazem falta.

Finalmente, ao Pedro, por me lembrar sempre da real importância das coisas e do rigor que é necessário ter no uso, tantas vezes pouco compreendido, das palavras. Por apoiar também a confiança no meu trabalho.

À minha família, também, pelo apoio que sempre me deu, partilhando os momentos mais difíceis. Em especial à minha mãe, pelo seu companheirismo e incentivo constante. Aos meus tios, Lina e António, que sempre me acompanham, para além do tempo em que estiveram presentes, dedico este livro.

Introdução

JULIET (*not knowing Romeo hears her*):

O Romeo, Romeo, wherefore art thou Romeo?
Deny thy father and refuse thy name,
Or if thou wilt not, be but sworn my love,
And I'll no longer be a Capulet.

WILLIAM SHAKESPEARE, *The Most Excellent
and Lamentable Tragedy of Romeo
and Juliet*, 1594-1595, acto 2, cena 1

Este é um livro sobre conjugalidades numa sociedade em mudança. A associação entre estes termos evoca de imediato a história, sempre presente e dinâmica, das transformações sociais que atravessaram, e continuam a atravessar, a vida das famílias e dos indivíduos nas sociedades contemporâneas, modificando a maneira como escolhem um parceiro, casam e têm filhos, organizam o trabalho e o sustento, criam esperanças de bem-estar amoroso, fazem projectos para o futuro e constroem uma biografia pessoal e familiar num mundo que lhes ampliou tanto as possibilidades de que dispõem para o fazerem como as incertezas que acompanham as escolhas.

Na história da modernidade assistiu-se à alteração dos valores dominantes e à reinvenção dos sentimentos e da intimidade amorosa; à modificação das relações de produção e, em geral, dos vínculos entre público e privado; à decomposição e à produção de novas formas de legitimação e regulação social; à criação, enfim, de um novo lugar para o indivíduo na arquitectura da família e da sociedade em geral. No

interior destas mudanças, a conjugalidade permanece, de maneira diferente da do passado mas igualmente incontornável, um laço social fundador e primordial das relações familiares e até das relações sociais no seu conjunto. À medida do avanço da modernização, até à expressão contemporânea que hoje lhe conhecemos³, a conjugalidade ter-se-á tornado menos uma unidade essencial de sobrevivência económica e de pertença identitária para a vida e para a morte e mais — embora não necessariamente de maneira mutuamente exclusiva — um vértice onde se concentram expectativas afectivas e de felicidade pessoal. Mantém uma posição de eleição na organização social, pesando tanto na reprodução biológica e social como na edificação do lugar dos indivíduos e das suas relações com os grupos a que pertencem (ou a que vão pertencendo). Se se transformou, perdendo perenidade, mas ganhando maleabilidade face às demandas dos percursos individuais, a conjugalidade não se deslocou, todavia, do seu lugar fundamental nas biografias e nos projectos dos indivíduos. As mudanças dever-se-ão sobretudo à multiplicação dos trajectos e das transições possíveis entre uma situação conjugal e uma não conjugal, bem como à abertura do leque de conjugalidades possíveis nas sociedades contemporâneas.

A questão da mudança encontra-se embrionariamente ligada, aliás, ao desenvolvimento de um interesse científico-social pela vida familiar e, mais concretamente, pela conjugalidade. É, afinal, do confronto com os processos de modernização característicos das sociedades ocidentais que nascem importantes propostas destinadas a interpretar os comportamentos na esfera da vida privada. Algumas teorizações, predominantes desde Durkheim (1975 [1921]) a Parsons (Parsons e Bales, 1955), começaram por especular sobre a evolução da família tradicional para a família moderna, propondo uma visão que a adaptava às estruturas sociais do mundo

³ Se é certo que se tem observado o paulatino aumento de formas não conjugais de organização da vida privada — as pessoas sós ou as famílias monoparentais, por exemplo —, o casal permanece uma forma dominante de organização da vida privada. Em Portugal tem, aliás, uma larga vantagem sobre os outros tipos de estrutura familiar. Em 2001 mais de 70% dos agregados domésticos incluíam um casal, tratando-se na maioria dos casos (46,6%) de famílias de casal com filhos. No caso destas últimas — o tipo de família contemplado nesta investigação —, 41,1% são famílias simples de casal com filhos; em 4,0% dos casos trata-se de um casal com filhos a viver com outra(s) pessoa(s) (agregados de família alargada) e em 1,5% de situações de um casal com filhos a viver com outro casal ou com um núcleo monoparental (agregados múltiplos). Com efeito, apenas um quinto dos agregados domésticos é de pessoas sós ou de várias pessoas sem qualquer vínculo conjugal ou parental entre si (v. capítulo 2).

moderno — um mundo transformado pelo crescimento da industrialização, da urbanização, das migrações de indivíduos e famílias do campo para a cidade — sem lhe imiscuir grandes contributos activos por parte dos seus membros. Outras propostas, mais preocupadas, pelo contrário, com a multiplicidade da vida familiar tanto no passado como no presente, voltaram, sobretudo a partir da segunda metade do século xx, o olhar para as suas formas de organização e dinâmicas internas, tentando acompanhar teoricamente a pluralização das maneiras de construir o casal e a família. Buscava-se então identificar, descrever e explicar a diversidade interna da família conjugal, objectivo fundamental que tem norteado as várias perspectivas de análise que desde então se desenvolveram.

Tem-se focado, de um lado, a relação entre novas formas de organização da produção — afastadas da família, industrializadas, assalariadas, submetidas a mecanismos públicos de regulação — e a organização interna da família conjugal, observando a desigualdade social de classe, bem como a que existe entre homens e mulheres. Tem-se destacado também a progressiva individualização do mercado de trabalho ou dos benefícios públicos, que se centram cada vez mais no indivíduo, mudando os vínculos entre este e o grupo familiar. Tem-se reflectido ainda sobre as transformações no papel das mulheres, mais protagonistas e menos dependentes face ao marido e à família, ainda que a braços com a persistência da dominação masculina. De outro lado, tem-se, pelo contrário, sinalizado a articulação entre as formas de organização da família e os processos de mudança operados no plano simbólico: a sentimentalização, a invenção do amor romântico, do amor pelas crianças, a construção de fronteiras entre a casa e o exterior, de intimidade num espaço que deixou de estar sobretudo reservado para as actividades de produção. Mas a individualização progressiva das relações, de que nos falam alguns autores contemporâneos (cf. Elias, 1993 [1939], Giddens, 1996, e Beck e Beck-Gernsheim, 2002), não retirou centralidade à conjugalidade e à vida familiar. Antes pelo contrário. Ao mesmo tempo que a sentimentalização da vida familiar nos falava da importância de cada indivíduo, aumentavam também as expectativas depositadas sobre a construção do casal, tornando-o mais vital como instância de realização e, por isso, também mais frágil. De um outro lado ainda, encontrando sustentação na ideia de privatização dos comportamentos familiares, tem-se, de um ponto de vista microsociológico fiel ao enfoque do interaccionismo (de Mead, 1934; Goffman, 1959; Garfinkel, 1967), proposto que é nas propriedades internas da interacção que melhor se pode descortinar a diversidade da família conjugal nas sociedades contemporâneas.

As constantes interrogações feitas, de várias maneiras por diferentes abordagens teóricas, à volta dos laços que unem o indivíduo ao grupo conjugal e familiar não deixam, por conseguinte, de espelhar as mudanças estruturais operadas nas relações entre ambos. Mesmo nas perspectivas microsociológicas sobre o casal e a família, muito pródigas em abrirem portas para o interior das interações, esta interrogação mantém-se presente: observam-se, afinal, prioritariamente, os modos de integração do indivíduo no grupo (a autonomia ou a fusão) e a natureza da relação entre público e privado (fechamento ou abertura ao mundo exterior). Pretende-se ainda descobrir até que ponto o casal e a família se «modernizaram», libertando-se de constrangimentos institucionais fortes, restritivos e explícitos e de papéis sociais rigidamente pré-codificados, ou, pelo contrário, se quedam por esses mesmos códigos. Assumida a pluralidade das formas de conjugalidade, a relação com o problema da mudança, que atravessa os contextos sociais de existência, constitui recorrentemente uma peça fundamental para interpretar o quebra-cabeças da vida privada.

Esta é, assim, fundamentalmente uma investigação sobre a diversidade interna da conjugalidade, a desigualdade social e a mudança, três interrogações habituais na sociologia. Mais habituais ainda na sociologia da família que se tem feito em Portugal: a articulação entre dinâmicas internas da família, contextos sociais e processos históricos de mudança caracteriza, em traços gerais, o trabalho de vários autores que têm procurado articular, no estudo da realidade nacional, perspectivas, dimensões e níveis de análise (v., por exemplo, Wall, 1998, Torres, 2000b, e Bandeira, 1996). Seguimos, afinal, bem de perto esta especificidade articuladora da pesquisa sobre a família em Portugal, bem como o trilho deixado, atrás de nós, pelos autores que estudaram o tema. Fundamental enquanto proposição teórica, a discussão da mudança tem ganho acrescido relevo no contexto português, perpassado por grandes e ainda recentes mutações. Nas últimas décadas as transformações foram profundas, alterando comportamentos, modificando estruturas, modernizando representações e valores. Enquanto noutros países do mundo ocidental essas mudanças foram ocorrendo de forma gradual ao longo de cinquenta ou sessenta anos, em Portugal deram-se de forma abrupta, a um ritmo de aceleração considerável que atravessou os últimos trinta anos. Assim, também a vida familiar é uma vida em mudança: processos que, em parte devido à celeridade com que aconteceram, apresentam caminhos diversificados e pouco monolíticos. Deixam entrever frequentemente as marcas da sociedade tradicional do passado, hoje combinadas com os sinais inconfundíveis da modernização (v., por

exemplo, Almeida e Wall, 1995, Almeida *et al.*, 1998, e Almeida e Wall, 2001).

Movidas pelo interesse de investigarmos a conjugalidade em quadros sociais marcados por sinais crescentes de individualização (o aumento do divórcio ou da idade de entrada na conjugalidade, por exemplo) e por reestruturações significativas das relações sociais de género (com o aumento da escolaridade e da profissionalização das mulheres, por exemplo), visamos, com esta pesquisa, contribuir para acrescentar alguns dados ao que hoje se conhece sobre a conjugalidade em Portugal. Em suma, quer-se descobrir que diferentes maneiras existem de construir e viver o casal numa sociedade que, como a portuguesa, tem mudado de forma acelerada ao longo das últimas décadas do século xx, mas nem sempre da mesma maneira em todos os contextos, para todos os indivíduos. Ser homem ou mulher, religioso ou não, ter esta ou aquela posição social, viver no Norte ou no Sul, na cidade ou no campo, constituem na sociedade portuguesa contemporânea coordenadas centrais da desigualdade entre indivíduos, às quais estes não são imunes na construção da sua vida privada, ainda que hoje mais libertos dos constrangimentos e do pesado controlo social que no passado marcavam mais explicitamente a reprodução e a identidade sociais.

Investigar a conjugalidade e as suas dinâmicas internas — das quais se procura obter um retrato tão diversificado quanto possível — faz dela o lugar privilegiado de observação para responder a duas grandes interrogações: aferir o impacto dos processos de modernização social sobre a vida a dois, por um lado; explicar a diversidade social dos percursos de formação do casal, dos valores que orientam a conjugalidade, dos estilos de interacção conjugal, por outro. Nesta óptica, as posições estruturais dos casais — no tempo histórico, no meio social, na pertença de género — assumem um papel central na nossa abordagem, exigindo pontes de articulação entre o micro e o macrossocial, a par, todavia, de uma margem de autonomia que se concede à conjugalidade (portanto, aos indivíduos e à sua interacção) na construção da sua própria dinâmica interna.

Estas interrogações irão obter algumas repostas à medida que se for observando o casal a partir de vários olhares, cada um deles em correspondência, aliás, com uma perspectiva de análise «clássica» no domínio da sociologia da conjugalidade. Escolhemos, na verdade, três portas de entrada no «lado de dentro» da vida a dois: falamos dos *percursos de formação do casal*, uma área central para aferir mudanças fundamentais na organização da vida privada, percebendo, enfim, em que medida se assiste a uma erosão do casamento como instituição a favor do incre-

mento de comportamentos informais na construção do casal; também das *normas e das orientações afectivas* que, estando subjacentes à arquitectura do casal, filtram no seu seio os valores vigentes no contexto sócio-histórico e assim lhe conferem um determinado sentido social, mais voltado para os cânones do casamento como instituição ou para uma visão da conjugalidade como relação afectiva entre indivíduos; e, finalmente, das *interacções conjugais* que constroem o laço conjugal através de determinadas rotinas, mais fusionais ou autónomas, mais fechadas ou mais abertas ao exterior, mais igualitárias ou mais diferenciadas segundo o género.

Para cada uma destas dimensões, como se verá ao longo dos vários capítulos deste livro, identificaram-se, afinal, diferentes maneiras de viver a conjugalidade, apontando para um cenário bastante matizado e trespassado por assinaláveis diferenciações sociais. Um cenário onde, tantas vezes, a modernização, o primado do afectivo ou mesmo a busca de igualdade e de realização individual são solidários de apegos institucionalistas, da prioridade do grupo sobre os interesses individuais, das finalidades explicitamente instrumentais da conjugalidade.

Mudança e diversidade social são, afinal, os temas nucleares desta investigação sobre a conjugalidade, investindo-se, do ponto de vista metodológico, numa estratégia de complementaridade de técnicas utilizadas: desde a visão de conjunto que a análise extensiva permite elaborar até à captação de pormenores e de subjectividades pessoais que uma análise intensiva das dinâmicas conjugais possibilita. Com efeito, a análise sociográfica de indicadores estatísticos sobre a vida familiar, procurando visualizar algumas das suas evoluções nos últimos anos, constitui uma etapa de contextualização do espaço-tempo da pesquisa, provendo de espessura os processos de mudança dos quais se procura, depois, aferir o impacto. Por seu lado, a análise extensiva de inúmeros indicadores contemplados no *Inquérito às Famílias no Portugal Contemporâneo*, realizado em 1999 a mulheres portuguesas entre os 25 e os 49 anos, a viverem actualmente em conjugalidade (que pode ser a primeira ou outra e que pode estar ou não formalizada pelo laço matrimonial) e com pelo menos um filho co-residente entre os 6 e os 16 anos, possibilita uma caracterização aprofundada e estatisticamente significativa [tanto a nível do continente como da Área Metropolitana de Lisboa (AML), as duas amostras com que iremos trabalhar] de várias áreas e dimensões da vida dos casais portugueses com filhos em idade escolar, tipo de família «estatisticamente maioritário» que privilegiamos nesta investigação, a partir de entrevistas sempre feitas às mulheres — salientando, portanto,

a perspectiva feminina da vida familiar⁴. A realização de entrevistas em profundidade, também a 22 mulheres a viverem em conjugalidade com crianças em idade escolar, permite, por sua vez, aprofundar tópicos e interrogações levantados pela análise quantitativa, colorindo-a com novos pormenores e informações escutadas na primeira pessoa. Afinal, na tentativa de reconstruirmos as histórias de vida das mulheres e de retratar exaustivamente o seu quotidiano conjugal e familiar actual, acabámos por obter longos relatos ao longo de várias horas de entrevista⁵.

Resta-nos, neste ponto introdutório, fazer uma descrição sumária dos capítulos que se seguem. Cada um deles possui uma lógica argumentativa relativamente autónoma dos restantes, podendo ser lido de maneira isolada sem grandes prejuízos de compreensão. Com esta estratégia de exposição, pensámos tornar mais leve a leitura deste livro, parcelando as suas diferentes partes dentro de uma argumentação mais vasta que reencontra todos os seus fios analíticos na conclusão final.

Começa-se por expor as perspectivas teóricas. No capítulo 1 faz-se uma reflexão sobre família e mudança social, partindo de algumas propostas que têm marcado o debate actual em sociologia, apontando para novas formas de relação entre indivíduo e grupo. Discute-se assim o conceito de individualização, procurando focar alguns temas cruciais para interpretar as mudanças na família: o amor, a igualdade de género ou a questão da divisão social do trabalho e da reprodução social. Num último ponto anotam-se ainda algumas das principais referências que, na sociologia portuguesa, foram importantes no desenvolvimento do nosso trabalho.

No capítulo 2 aplicam-se à realidade portuguesa as reflexões feitas anteriormente, analisando, a partir de alguns indicadores estatísticos oficiais (censos, *Estatísticas Demográficas*), a relação entre família e modernização. Procura-se contextualizar a pesquisa, inquirindo sobre as transformações ocorridas na última década do século xx; tenta-se, em suma, perceber se se consolidou, nesse decénio, a tendência para um afastamento crescente em relação à ideia de casamento como instituição e, mais genericamente, aferir sobre o movimento de individualização da vida familiar.

⁴ Analisamos neste livro dados estatisticamente representativos de duas amostras — continente (1776 mulheres) e Área Metropolitana de Lisboa (817 mulheres) — contempladas no estudo realizado em 1999. A construção das amostras ficou a cargo do Instituto Nacional de Estatística (INE), também responsável pela aplicação do inquérito por questionário. Para uma análise pormenorizada, cf. Wall (coord.) (2005).

⁵ Sobre os aspectos metodológicos da pesquisa, v. Aboim (2004).

O capítulo 3 é dedicado aos percursos de formação do casal: identificam-se as diferentes modalidades da sua constituição, procurando-se reconstituir, de um ponto de vista longitudinal, a diversidade de trajectos conjugais no que respeita à formalização do laço conjugal — casamento (civil, religioso) ou coabitação. Dá-se atenção particular, analisando tanto dados quantitativos do *Inquérito às Famílias no Portugal Contemporâneo* (que permitem, relembramo-lo, a comparação das amostras representativas do continente e da Área Metropolitana de Lisboa) como discursos na primeira pessoa, à variedade de estilos e motivações da coabitação conjugal, visando compreender o real significado encerrado no aumento progressivo das conjugalidades informais que tem vindo a acontecer em Portugal.

No capítulo 4 dá-se relevo às dimensões afectivas da conjugalidade. Começa-se, numa óptica quantitativa, por retratar as finalidades da conjugalidade e os tipos de sentimento que nela predominam (respeito, companheirismo, paixão). Analisam-se depois as orientações amorosas das mulheres entrevistadas, reconstituindo os seus trajectos sentimentais e os seus ideários afectivos actuais. Visa-se, a nível microsociológico dos discursos, identificar os ideários amorosos contemporâneos da conjugalidade, procurando saber como se materializa nos casos individuais aquele que é um dos principais movimentos de modernização da família: a sua sentimentalização e legitimação amorosa.

No capítulo 5 entra-se na vida quotidiana dos casais do *Inquérito às Famílias no Portugal Contemporâneo* e observa-se o seu funcionamento interno, recorrendo aos conceitos interaccionistas de coesão interna e de integração externa. Articulando interacções, posições sociais e género, práticas e representações, trabalho e lazer, convívios, conversas e dinheiro, chega-se a uma tipologia de diferentes estilos de interacção conjugal. Como se verá, os diferentes tipos de interacção conjugal são cúmplices de visões normativas específicas sobre o casal, dimensão-chave que nos ajuda a vislumbrar as diferentes conjugalidades existentes em Portugal (continente e AML), e associam-se a determinados tempos e contextos sociais, bem como a determinados percursos familiares.

No sexto e último capítulo continua-se a analisar as interacções conjugais, mas já numa óptica qualitativa que retrata com mais profundidade as formas de gerir fusão e autonomia na vida conjugal. Descobrem-se, efectivamente, várias lógicas de conjugalidade, comprovando, para além dos contextos e tempos sociais, o impacto dos percursos e dos afectos sobre as interacções conjugais.

Na conclusão resumem-se os principais resultados da pesquisa, observando as respostas que, afinal, se encontraram para as suas principais interrogações — a de conhecer a diversidade de conjugalidades existentes na sociedade portuguesa contemporânea, a de identificar os principais factores que contribuem para explicar essa mesma pluralidade e, finalmente, a de saber que impacto tiveram os processos estruturais de mudança social operantes nas últimas décadas do século xx sobre a vida dos casais que investigámos entre 1999 e 2003.

Este livro retrata diferentes estilos de conjugalidade no Portugal contemporâneo. Juntando dados de censos, de estatísticas demográficas e de inquéritos a famílias, com entrevistas em profundidade, abrem-se no livro três portas de entrada na vida a dois. Reconstituem-se os percursos de formação do casal, investigam-se as normas e as orientações afectivas que conferem ao casal um sentido social e identificam-se as interacções conjugais, descobrindo-se casais mais fusionais ou mais autónomos, mais fechados ou mais abertos ao exterior, mais igualitários ou mais diferenciados segundo o género. Ao longo desta obra analisam-se os caminhos diversificados e pouco monolíticos da mudança na vida conjugal e familiar em Portugal. Nela se reencontra a combinatória entre as marcas da sociedade tradicional e os sinais inconfundíveis da modernidade.

«A evolução social suscitou a constituição de estilos muito diferentes de funcionamento conjugal e familiar. Identificar os principais, estudar os seus modos de equilíbrio, os seus conflitos e o seu desenvolvimento no tempo, são elementos essenciais para a compreensão das relações entre indivíduo e sociedade. Este livro apresenta uma contribuição inovadora e muito bem-vinda para a concretização desses objectivos.

A multiplicação de pesquisas como esta, ainda demasiado raras, permitirá construir pontes muito úteis entre sociologia e psicologia, análise sociológica e práticas clínicas.»

Jean Kellerhals, *Universidade de Genebra*

Apoio:

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

ICS

Imprensa
de Ciências
Sociais

www.ics.ul.pt/imprensa

ISBN 972-671-170-3



9 789726 711704